

A black and white photograph of three horses standing behind a barbed wire fence. The horses are looking towards the camera. The text is overlaid on the image.

Direitos animais: a abordagem abolicionista

apresenta

Teoria dos direitos animais

Professor Gary L. Francione

Todos nós concordamos com a idéia de que é moralmente errado infligir sofrimento “desnecessário” aos animais não-humanos.

Uma proibição ao “sofrimento desnecessário” deve significar, no mínimo, que é errado infligir sofrimento aos animais por motivo de prazer, diversão ou conveniência.

Mas o atterrador volume de sofrimento e morte que causamos aos animais não-humanos *somente* pode ser justificado pelo nosso prazer, nossa diversão ou nossa conveniência.

O uso que fazemos de animais não-humanos para entretenimento ou caça esportiva não pode, por definição, ser considerado necessário.





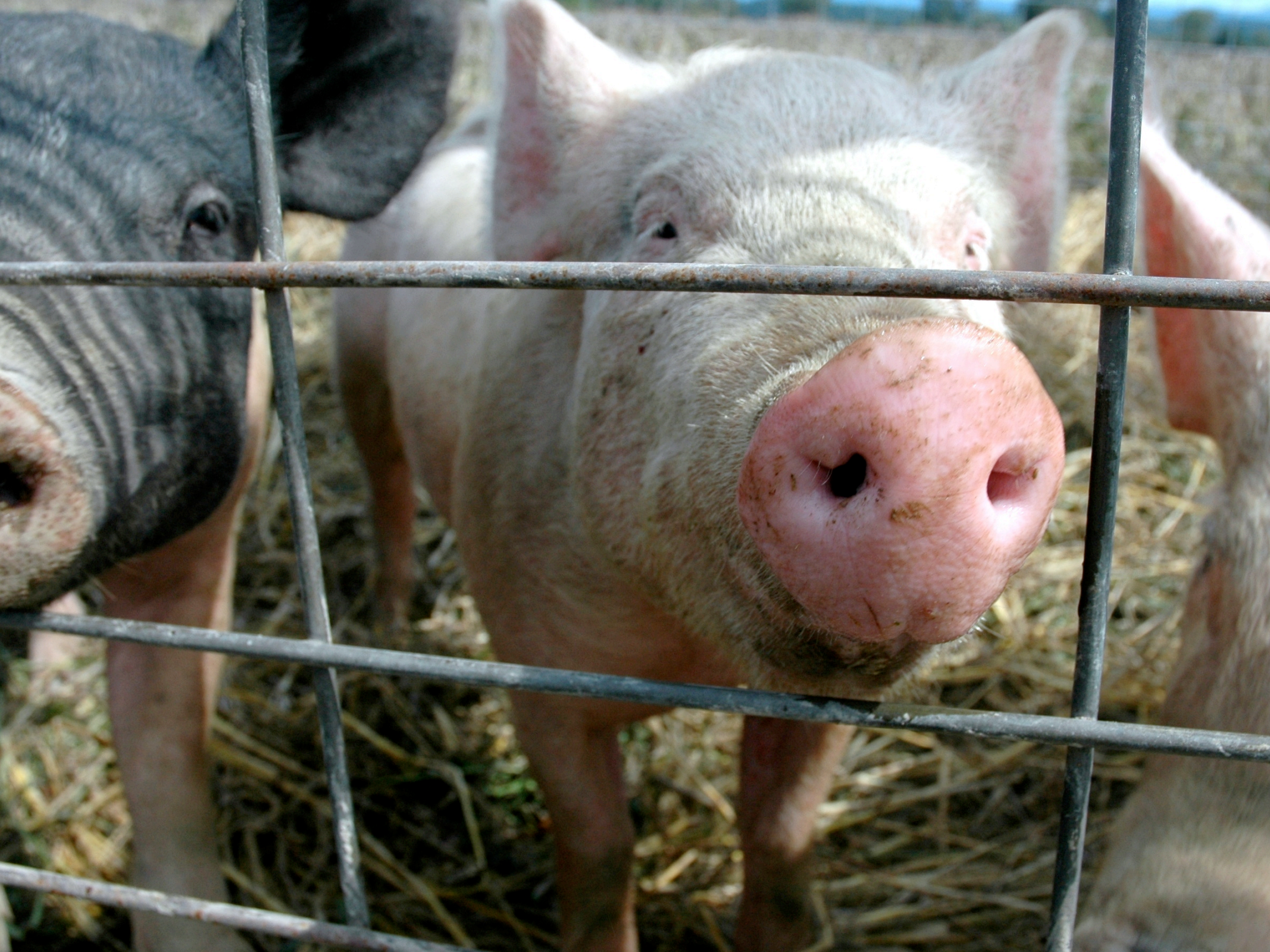
Certamente não há necessidade de vestirmos casacos de pele ou couro, utilizarmos animais não-humanos em testes repetitivos de produtos domésticos, ou termos mais uma marca de batom ou de loção pós-barba.





A imensa maioria dos animais que usamos é destinada à alimentação— carnes, laticínios e outros produtos de origem animal que consumimos.

A cada ano, só nos Estados Unidos, abatemos mais de 10 bilhões de animais para comida, sem contar os bilhões de peixes e outros animais aquáticos que também matamos.







Não é necessário, em *nenhum* sentido,
comer carne ou outros produtos de
origem animal.

Cada vez mais se aceita o fato de que as carnes e os laticínios são nocivos à saúde humana. Os produtos de origem animal estão ligados ao câncer, aos problemas cardíacos e a muitas outras enfermidades.

Além do mais, respeitadas cientistas envolvidos com a questão ambiental têm chamado a atenção para o tremendo custo que a criação de animais para consumo impõe ao planeta.

Para cada quilo de proteína animal produzido, os animais consomem quase 6 quilos de proteína vegetal proveniente de grãos e forragem.

São necessários mais de 100.000 litros d'água para se produzir 1 quilo de carne bovina, e 3.500 litros para se produzir 1 quilo de frango. São necessários apenas 900 litros para se produzir 1 quilo de trigo, e 500 litros para se produzir 1 quilo de batata.

A criação de animais consome enormes quantidades de energia, além de resultar na devastação da superfície do solo e na poluição do ar e da água.

Os animais não-humanos que comemos produzem bilhões de toneladas de dejetos por ano. Esses dejetos são freqüentemente despejados em rios e outros cursos d'água, sem terem sido tratados, e desprendem gases causadores do efeito estufa.



73

433



E por envolver um uso tão ineficiente de recursos, a criação de animais para consumo condena uma parte significativa da população mundial a passar fome.

Mais de 50% dos grãos produzidos nos Estados Unidos e 40% dos grãos produzidos no mundo são destinados à alimentação dos animais criados para produção de carne, em vez de serem consumidos diretamente pelos humanos.

É necessário só $\frac{1}{6}$ de acre para produzir comida para uma pessoa vegana durante um ano; para alimentar uma comedora de carne, são necessários 3 acres e $\frac{1}{4}$. Isso significa que um acre de terra pode alimentar 20 vezes mais veganos do que comedores de carne.

Há, é claro, fatores políticos, sociais e econômicos que são responsáveis pela fome mundial. Mas a criação de animais exacerba o problema por causa de seu uso ineficiente de recursos.

“Nada poderá beneficiar a saúde humana e aumentar as chances de sobrevivência na Terra como a evolução para uma dieta vegetariana”.

Albert Einstein

Nossa *única* justificativa para a dor, o sofrimento e a morte impostos a esses bilhões de não-humanos é esta: nós sentimos prazer com o gosto da carne e dos laticínios.





E se realmente levamos a sério a idéia de que é errado infligir sofrimento desnecessário aos animais não-humanos, nosso prazer em comer produtos de origem animal *não pode* ser uma justificativa moralmente aceitável.

O único uso que fazemos dos animais que não é transparentemente fútil ocorre em experimentos para tentar achar a cura de doenças humanas graves. Mas, mesmo em tal contexto, há sérias dúvidas relacionadas à necessidade do uso de animais.

Como existem diferenças biológicas entre os humanos e os outros animais, a extrapolação dos resultados dos experimentos com não-humanos para os humanos é sempre problemática.



Os dados obtidos a partir do uso de animais são freqüentemente duvidosos. Por exemplo, resultados de exames de toxicidade podem variar extremamente, dependendo do método escolhido.

Há muita evidência empírica indicando que, em inúmeras instâncias, nossa dependência do modelo animal para fazer experimentos tem sido, na realidade, contraproducente.

Por exemplo, as tentativas fracassadas de se criar um modelo animal do câncer de pulmão levaram os pesquisadores a ignorarem as evidências de que, no que diz respeito aos seres humanos, há uma forte correlação entre o fumo e o câncer de pulmão.



E muitas doenças humanas decorrem da nossa ingestão de produtos de origem animal.

Em suma:

Matamos bilhões de animais não-humanos anualmente, por motivos que não podem ser considerados de “necessidade”, embora digamos concordar com a idéia de que é errado infligir sofrimento “desnecessário” aos animais.

Quando se trata dos outros animais, nós, os humanos, manifestamos o que pode ser descrito como uma *esquizofrenia moral*. Dizemos uma coisa sobre como os animais deveriam ser tratados, e fazemos outra.

Nosso pensamento é confuso.

É comum termos animais de companhia, como cães e gatos. Tratamos esses não-humanos como membros da nossa família.



No entanto, enfiamos garfos em outros não-humanos que não são diferentes daqueles que consideramos membros da nossa família.







É preciso repensar nossa relação com os animais.

Se é que os animais não-humanos realmente importam, se é que nós acreditamos de verdade que eles não são meras coisas e que seus interesses são moralmente significativos, então nós devemos conferir *igual consideração* aos seus interesses.

Isso não significa que devemos, em todas as instâncias, tratar os animais como tratamos os humanos.

Por exemplo, os não-humanos não têm interesse em estudar e tirar diploma. Portanto, o princípio da igual consideração não requer que nós lhes proporcionemos educação, mesmo que proporcionemos educação a todos os humanos.

Mas, se um humano e um não-humano têm um interesse semelhante, nós devemos tratá-los com igualdade, no que diz respeito a tal interesse—a menos que tenhamos uma razão moralmente sólida para não fazer isso.

Embora os humanos tenham muitos interesses que os não-humanos não têm (e vice-versa), todos os seres *sencientes* — seres conscientes de suas sensações e capazes de experimentar dor e sofrimento — têm interesse em evitar a dor, o sofrimento e a morte.

Tanto os humanos quanto os não-humanos têm interesse em não ser comidos, não ser usados em experimentos, não ser forçados a doar órgãos, não ser caçados, não ser tratados como meros *recursos* dos outros.



Quando você é um mero recurso de alguém, todos os seus interesses— inclusive os mais fundamentais, como o interesse em não sofrer e o interesse em continuar vivo—podem ser ignorados se isso beneficiar esse alguém.

Nós não protegemos—não temos condições de proteger—os humanos contra todo tipo de sofrimento e morte. Mas nós os protegemos do sofrimento e da morte que resultam de seu uso como recursos ou propriedade dos outros.

Nós consideramos *todos* os humanos
como possuidores do *direito*
fundamental de não ser *propriedade*
dos outros.

Um direito é simplesmente um modo de proteger um interesse. Se um interesse estiver protegido por um direito, então esse interesse deve ser protegido mesmo que outros indivíduos possam se beneficiar com sua violação.

Por exemplo, dizer que eu tenho o direito à liberdade de expressão significa que meu interesse em me expressar será protegido mesmo que minha expressão tenha conseqüências negativas para outros indivíduos.

Um direito é como um muro em torno de um interesse. E nesse muro há um aviso que diz: “Não entre—mesmo que isso seja vantajoso para você”.

Meu interesse em não ser sua propriedade está protegido por um direito pois meu interesse está protegido mesmo que seja vantajoso, para você, tratar-me como recurso.

Em um mundo com tão pouca concordância a respeito de questões morais, a maioria das pessoas aceita a idéia de que a escravidão humana é moralmente errada. A escravidão trata *pessoas como coisas*.



A escravidão necessariamente impede
que os escravos recebam igual
consideração.

Um escravo nunca vai valer tanto quanto um proprietário de escravos.

A propriedade nunca vai ter o mesmo valor que o dono da propriedade.

Mesmo que um escravo e um não-escravo tenham um interesse semelhante, nós não vamos enxergar essa semelhança, porque sempre vamos desconsiderar os interesses dos escravos.

Isso não significa que a escravidão humana já tenha sido completamente abolida. Não foi. Mas ninguém a defende como uma coisa moralmente aceitável. Nós a condenamos, onde quer que ela ainda exista.

Tratamos os animais de um modo que não consideraríamos apropriado ao tratamento de nenhum humano. Os animais são propriedade dos humanos. Nós os possuímos. Eles têm apenas o valor que escolhemos lhes dar.







Os não-humanos são escravos dos humanos.



Como podemos justificar essa diferença de tratamento? Como podemos justificar o fato de considerarmos todos os humanos como possuidores do direito de não ser propriedade dos outros, mas considerarmos os não-humanos como nossa propriedade?

A explicação mais comum é que existe uma diferença *qualitativa* entre humanos e não-humanos que justifica tratarmos os animais como nossa propriedade.

Uma diferença qualitativa é uma diferença de *natureza* e não de *grau*. Eu posso fazer cálculos matemáticos; um cachorro, não. Esta é uma diferença qualitativa, uma diferença na natureza. Algumas pessoas são melhores em cálculo do que eu, mas eu posso fazer alguns cálculos. Esta é uma diferença quantitativa, uma diferença no grau.

Historicamente, temos justificado
nossa exploração dos não-humanos
com base na suposição de que há
uma distinção qualitativa entre a mente
dos humanos e as mentes dos outros
animais.

Nós reconhecemos que os animais são sencientes, mas negamos que eles sejam inteligentes, racionais, emocionais ou autoconscientes.



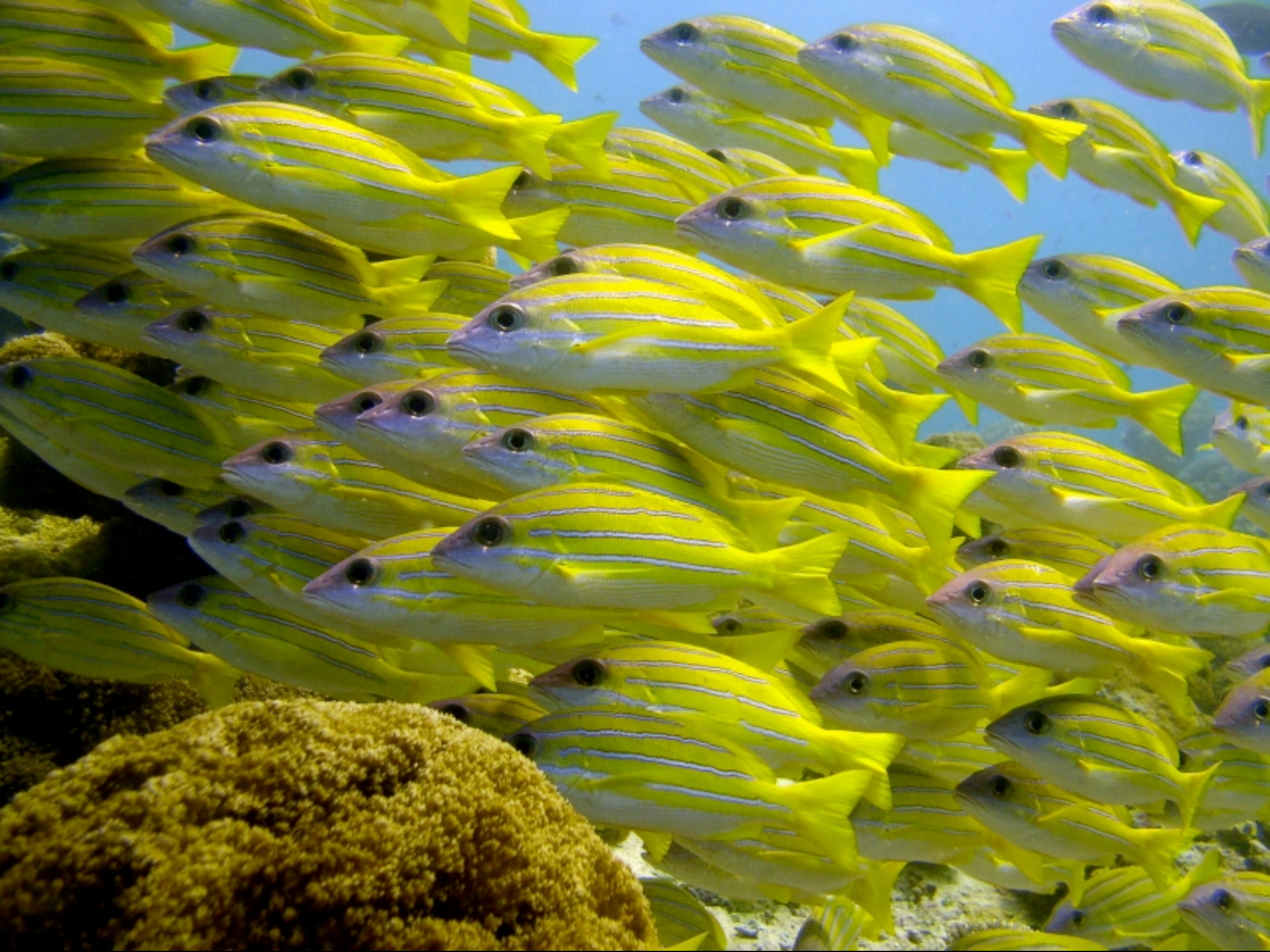
Mas a proposição de que os animais humanos têm características mentais inteiramente ausentes em animais não-humanos é incompatível com a teoria da evolução.

Darwin afirmava que não há características exclusivamente humanas. Ele argumentava que os animais não-humanos podem pensar e fazer uso da razão, além de terem muitos dos atributos emocionais dos humanos.

Além do mais, qualquer tentativa de justificar nossa exploração dos não-humanos com base na noção de que eles não têm características humanas é falaciosa porque já toma como certo, por si mesma, que as características humanas são moralmente superiores e justificam um tratamento diferencial.

Por exemplo, mesmo se os humanos fossem os únicos animais capazes de reconhecer sua imagem no espelho ou de se comunicar por meio da linguagem simbólica, nenhum humano é capaz de voar ou de respirar debaixo d'água sem o auxílio de algum artifício.





Por que a habilidade de se reconhecer
no espelho ou de usar linguagem
simbólica é melhor, no sentido moral,
do que a habilidade de voar ou respirar
debaixo d'água?

A resposta, claro, é: porque *nós*
dizemos que é.

Além do mais, mesmo se supusermos que as características humanas são “especiais”, a ausência dessas características não pode servir de justificativa para a exploração.

Por exemplo, alguns humanos com graves problemas mentais não têm as mesmas habilidades cognitivas que os humanos normais. Tal deficiência pode ser relevante para alguns propósitos, mas não para decidirmos forçar esses humanos a servirem de cobaias em experimentos biomédicos ou a doarem seus órgãos.

No fim das contas, a única diferença entre humanos e não-humanos é a espécie, e espécie não é justificativa para exploração, da mesma forma que raça, sexo ou orientação sexual também não são. *Especismo* não é diferente de racismo, sexismo ou homofobia.

Se quisermos pensar com seriedade
sobre a relação humano/não-humano,
há somente uma característica
relevante:

A senciência



Precisamos estender o direito de não ser tratado como propriedade a todos os não-humanos sencientes, independentemente de suas outras características mentais.

Alguns defensores dos animais afirmam que devemos dar mais importância moral e proteção legal a certos animais, como os grandes símios ou os golfinhos, porque a inteligência deles é mais parecida com a dos humanos.



Devemos evitar criar novas hierarquias;
temos de evitar tratar alguns não-
humanos como “especiais” com base
no fato de eles serem “como nós”.

Fazer isso seria especista.

Embora haja diferenças entre, digamos, um chimpanzé e um peixe, e embora essas diferenças possam ser relevantes para alguns propósitos (não-humanos diferentes têm interesses diferentes), no tocante ao direito básico de não ser tratado como propriedade não há nenhuma diferença moralmente relevante.

Tanto o peixe quanto o chimpanzé são seres sencientes.

Não devemos tratar nenhum dos dois
como nosso recurso.

O chimpanzé não deveria estar num zoológico ou num laboratório.



O peixe não deveria estar num prato.



Se reconhecêssemos que todos os seres sencientes têm o direito moral básico de não ser tratados como propriedade e que temos o dever moral de parar de tratar os seres sencientes como recursos, nós pararíamos de trazer animais domésticos à existência para o nosso uso.

Nós temos de *abolir* a exploração animal, em vez de simplesmente *regulamentá-la*.

Reconhecer os “direitos animais” não
significa soltar todos os animais
domésticos nas ruas.



27

Small poster or sign on the utility pole.

DEPOT DE POSTE
DE LA VILLE DE BANGOR
LE 10/01/2011
A 10h

Significa cuidar daqueles que nós
trouxemos à existência.



E não trazer mais nenhum à existência para usarmos para comida, vestuário, entretenimento ou experimentação.

A questão fundamental não é se tratamos a vaca “humanitariamente” ou não.

A questão fundamental é: por que estamos trazendo vacas à existência, para começo de conversa?

A vaca existe por uma única razão:
para podermos explorá-la pela sua
carne e pelo seu leite.

Uma vez que reconhecemos não haver nenhuma justificativa moral para explorá-la—por mais “humanitária” que nossa escravidão animal possa ser—não há mais nenhuma razão para continuarmos tendo vacas.

Experimente imaginar o seguinte:

Você está passando perto de uma
casa em chamas.



Você consegue ver que dentro da casa
há um humano e um cachorro.





Você só tem tempo de salvar um dos
dois.

Qual deles você salva?

Suponhamos que você decida que
deve salvar o humano.

O que sua escolha nos diz quanto a ser ou não ser aceitável explorar os animais?

A resposta é: *nada*.

Suponha que você esteja passando perto da casa em chamas e veja dois humanos dentro: uma pessoa jovem e uma muito velha. Você decide salvar a jovem porque ela tem mais tempo de vida pela frente.

Será que isso quer dizer que podemos
usar idosos como cobaias em
experimentos biomédicos e como
doadores de órgãos sem seu
consentimento?

Claro que não.

Então, mesmo que escolhamos o humano em vez do não-humano, numa situação de verdadeiro conflito ou de emergência, isso não nos diz nada quanto a ser ou não ser aceitável tratar os animais como nossos recursos.

Nós mesmos criamos a maioria dos nossos conflitos com os não-humanos. Trazemos os animais domésticos à existência para o nosso uso. Arrastamos os não-humanos para dentro da casa em chamas e depois ficamos quebrando a cabeça para descobrir como resolver o “conflito” que criamos!

Mesmo se acharmos que podemos resolver conflitos verdadeiros entre humanos e não-humanos em favor dos humanos, isso não quer dizer que estamos autorizados a criar esses conflitos.

Se levássemos a sério os interesses dos animais, parariamos de trazer animais domésticos à existência.

Não há nenhuma razão— a não ser
nosso prazer, nossa diversão ou nossa
conveniência— para comermos carnes,
ovos ou laticínios, caçarmos animais,
ou usarmos animais para
entretenimento e vestuário.



O que há de errado com os laticínios?
Ninguém mata animais para fazer
laticínios, mata?





Os animais não-humanos usados para a produção de laticínios vivem durante mais tempo do que os animais usados para a produção de carne, são tão maltratados quanto eles (ou mais maltratados ainda) e terminam no mesmo matadouro.



Há mais sofrimento num copo de leite do que num bife. Se você achar que os animais não-humanos têm importância no plano moral, você não deve comer nenhum produto de origem animal.



E o uso de animais na ciência? Não é
“necessário”?

Não há um conflito verdadeiro entre os humanos e aqueles animais cujo uso em experimentos pode ajudar a salvar vidas humanas?

É grande a evidência de que o uso de “modelos” animais na ciência tem sido prejudicial à saúde humana. Mas, mesmo se supusermos que, em algumas instâncias, esse uso tem nos trazido benefícios: será que isso o torna justo?



15 5 '91

Algumas pessoas dizem que é moralmente aceitável usar animais não-humanos em experimentos porque eles não têm certas características—como inteligência ou racionalidade—que os humanos têm.

Seria aceitável usar humanos com graves problemas mentais em um experimento — mesmo se esse uso resultasse na cura do câncer?

Não há um conflito verdadeiro entre os humanos normais e aqueles deficientes cujo uso em experimentos poderia ajudar a salvar vidas de humanos normais?

Se sua resposta for “não”, então por que é aceitável usar os não-humanos? Por que pensamos que há um conflito entre os humanos e os não-humanos?

A única resposta que podemos dar é:
nós somos humanos e eles não.



E isso não é diferente de dizer que nós
somos brancos e eles não;

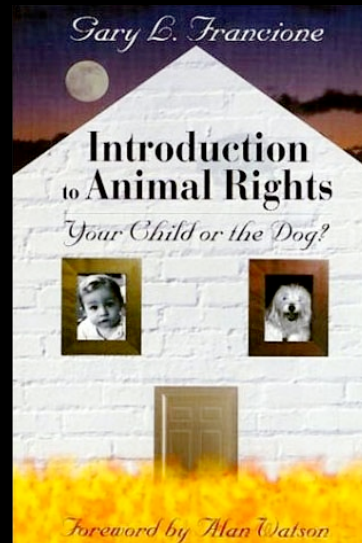
Ou que somos do sexo masculino e
eles não;

Ou que somos heterossexuais e eles
não.

Usamos os não-humanos em experimentos nos quais nunca usaríamos um humano porque somos *especistas*, o que não é diferente de ser racista, sexista ou homófobo.

E essa é a nossa única justificativa.

Esta apresentação foi baseada em:



Introduction to Animal Rights: Your Child or the Dog?

Obs.: Esta apresentação não pretendeu abordar por completo as idéias do professor Francione, e sim dar apenas uma breve introdução geral à sua teoria abolicionista dos direitos animais.

*Para mais discussão sobre a condição de
propriedade dos animais, por favor veja
nossa apresentação:*

Animais como propriedade

Para mais discussão sobre a distinção entre a abolição e a regulamentação da exploração animal, por favor veja nossa apresentação:

Direitos animais vs. bem-estar animal


Agradecemos à Humane Farming Association e a Gail Eisnitz por nos terem fornecido algumas das fotografias de matadouros usadas nesta apresentação.

*Copyright © 2006-2007 Gary L. Francione.
Todos direitos reservados.*

*Por favor, não use sem antes obter
permissão por escrito do autor.*

www.AbolitionistApproach.com

Version 1.0.2

A black and white photograph of three cows standing behind a barbed wire fence. The cows are looking towards the camera. The image is dark and has a somber tone.

*Para mais discussão sobre estas e outras
questões relacionadas aos direitos
animais, por favor visite:*

www.AbolitionistApproach.com